



Por José Ruy Lozano

Licenciado em ciências sociais e letras pela Universidade de São Paulo

Um relato de minha experiência como educador, para começar.

Há alguns anos, numa sala de aula de 7^ª série (atual 8^º ano), li com meus alunos uma crônica de Moacyr Scliar, grande escritor gaúcho recém-falecido, na qual o autor lembrava-se de seus tempos de menino, quando ele e seus amigos jogavam futebol na rua e nos terrenos baldios de seu bairro. A partir dessas lembranças, Scliar contrastava sua infância com a infância atual, afirmando que hoje a vida urbana não é a mesma e que os garotos só podem jogar bola fechados em quadras de condomínios, escolas ou clubes.

Após a leitura, fiz a seguinte pergunta a meus alunos: o autor da crônica considera os tempos atuais melhores do que sua época? As respostas que obtive me atordoaram. A grande maioria dos alunos imediatamente respondeu que sim, era evidente que ele achava melhor, pois jogar futebol numa quadra seria, além de mais seguro, mais legal...

Percebi estar diante de enormes desafios. O primeiro: aqueles jovens não conseguiram inferir sentidos implícitos, prendendo-se à superfície das palavras. Apesar de o texto ter sido escrito num evidente tom de lamentação pela perda da liberdade de outrora, com notável saudosismo por parte do autor, não havia nenhuma afirmação explícita – literal, com todas as letras – no sentido de o passado ser melhor que o presente. O segundo: meus alunos não conseguiam se libertar de si mesmos e ir ao encontro do texto, ou seja, ir ao encontro do outro: outra pessoa, que viveu uma outra época e que, por isso, pode ter uma visão diferente do mundo.

Conclusão: meus alunos liam muito mal, porque não pensavam sobre o que liam.

Poderia ter desanimado; pelo contrário, vi uma excelente oportunidade de ensinar! Afinal, ninguém sabe ler de antemão, e isso não se refere apenas à decifração de códigos, letras e frases, mas sim ao desenvolvimento de capacidades leitoras diversas, como a de, por exemplo, inferir sentidos.

Muito se tem falado nas últimas décadas sobre a importância da leitura. São várias as preocupações de pais e educadores no que se refere às exigências sociais associadas a ela, seja em função de atividades profissionais que exigem

domínio da linguagem escrita, comunicação verbal eficiente, boa redação, entre outros aspectos; ou em função de necessidades mais gerais, relativas à inserção social, o que demanda saber ler diferentes tipos de texto, estar bem informado, ou saber utilizar o nível de linguagem adequado a diferentes situações comunicativas.

Ainda que existam, hoje, muitas mídias que viabilizam o acesso rápido e irrestrito a informações úteis para a vida cotidiana, o texto escrito é ainda o meio fundamental de obtenção do conhecimento, uma vez que ele oferece ao leitor possibilidades de interpretação e, portanto, maior autonomia. Quando lemos, também construímos os sentidos, pensamos autonomamente, elaboramos nossas indagações e recusamos, confirmamos e/ou redefinimos

“ O primeiro passo para ensinar a ler textos de maior complexidade é justamente o de compreender o quão complexo pode ser, para as crianças e jovens, um texto que para nós, adultos, é relativamente fácil ou óbvio. ”

respostas. O leitor é aquele que reescreve o significado do texto a partir de sua interação com as intenções de quem escreveu.

Se a importância da leitura é consensual, a constatação de que nossos filhos leem mal desperta grande inquietação, além do desejo de ajudá-los no processo de aquisição da capacidade de ler com eficiência e inteligência.

O primeiro passo para ensinar a ler textos de maior complexidade é justamente o de compreender o quão complexo pode ser, para as crianças e jovens, um texto que para nós, adultos, é relativamente fácil ou óbvio. Nesse processo, não existem obviedades; o que é claro e evidente para mim nem sempre o é para uma criança. Ela detém um repertório mais restrito, tanto de palavras quanto de experiências.

O que nos induz ao próximo passo: ensinar a ler exige a intervenção ou a mediação

ativa de quem propõe a leitura, sejam pais ou professores. Tomando o cuidado de não ler *para* a criança, substituindo sua experiência de leitura, é preciso ler *com* a criança, questionando-a sobre passagens que ocultem implícitos importantes para a compreensão global do que se lê, além de estabelecer relações de significado que, de outro modo, passariam despercebidas.

Assim, estaremos ensinando que ler é mais do que decifrar letras: *ler é pensar sobre o que se lê*. E isso fará toda a diferença no futuro.

Outro elemento importante para permitir o aprendizado desta atividade é possibilitar o acesso da criança à maior variedade possível de textos, em diversas situações sociais de leitura. Ler é algo que se desenvolve por meio da imersão em sua prática, não atividade exercida de modo descontextualizado da vida em sociedade. De acordo com essa visão, o adulto precisa mostrar para a criança como os textos que circulam na sociedade podem ser usados, a fim de que ela compreenda os seus sentidos.

Charges ou tirinhas de jornal, por exemplo, muitas vezes não são compreendidas pelos mais jovens. “O que tem de engraçado aqui?” perguntam-se. Isso ocorre quando o efeito de humor passa por um dado cultural desconhecido pelo jovem leitor; esse dado pode ser apenas uma palavra de duplo sentido, ou até mesmo um pressuposto que exige o reconhecimento de fatos políticos ou históricos. Propagandas estabelecem relações de sentido que podem ser inferidas de acordo com a intenção daqueles que as produziram e com o público a que se destinam os produtos. Uma notícia pode ser escrita com diferentes intencionalidades, visando a fins que não são apenas o de informar. Da mesma maneira, um artigo de opinião pode refletir tendências ideológicas do periódico que o publica.

Compreender essas relações não é fácil, nem pode ser dado como pré-requisito. Como já se afirmou aqui, ninguém sabe tudo de antemão; ou seja, a criança precisa ser ensinada a ler com profundidade. Ao questionarmos nossos filhos sobre todas essas complexidades, em diversas situações sociais, estaremos evidenciando a eles que ler envolve “um montão de coisas”, o que provavelmente os induzirá a lerem não só com maior atenção, mas também de modo mais inteligente.

Por último, mas não menos importante. A atitude do adulto diante da leitura deve ser positiva, se ele quiser influenciar o jovem a ler mais e melhor. Essa postura positiva inclui necessariamente um envolvimento afetivo com o que lê. O adulto é quem oferece um modelo de leitura para o aluno-leitor, servindo-lhe de exemplo e espelho. Caso a criança não reconheça nas atitudes do adulto, seu modelo, a importância da leitura, qualquer estratégia será em vão. Continuamos ensinando melhor por nossas obras que por nossos discursos.